

AUTOBIOGRAFIA DE UMA *DOMINATRIX*: Identidade, Performance e Escrita de Si

Manuela Cunha Peixinho (IFBA)
*Docente do Instituto Federal da Bahia; Pesquisadora do GPLR;
Doutora em Literatura e Cultura
manuelapeixinho@yahoo.com.br*

*Simpósio Temático nº 43 – “ESCREVIVÊNCIAS” E MEMÓRIA: A PRODUÇÃO
ARTÍSTICA FEMININA COMO FORMA DE CONHECIMENTO MARGINAL E
CONSTRUÇÃO DE MEMÓRIA COLETIVA*

RESUMO

Este trabalho analisa o livro “Eu, Dommenique”, escrito por Dommenique Luxor – uma *dominatrix* brasileira, nascida em Porto Alegre. Nas páginas dessa escrita de si, a autora articula reflexões sobre sua identidade feminina, vivência na dominação profissional e artifícios da produção autobiográfica. Para discutir sobre os agenciamentos da identidade feminina da autora diante do espaço da dominação, a partir de suas memórias, este estudo se alicerça em três bases teóricas: (1) estudos sobre identidade, a partir da perspectiva dos estudos culturais, destacando a fluidez dos pontos de contato que um mesmo indivíduo toca, gerando, por vezes, tensões e agenciamentos; (2) discussões acerca das relações de BDSM, em especial com *femdom*; e (3) considerações sobre a ressignificação da produção autobiográfica. A partir da narrativa de Luxor, percebe-se o papel de *dominatrix* como emancipador sexual e financeiro, tensionando o lugar esperado, muitas vezes, para a mulher. Através de jogos de poder, feminização, humilhação, Luxor subverte a sexualidade normativa, torna-se dona e escreve sua própria história.

Palavras-chave: *Dominatrix*, Identidade Feminina, Autobiografia, BDSM.

ABSTRAT

This paper analyzes the book “Eu, Dommenique”, written by Dommenique Luxor – a Brazilian *dominatrix*, born in Porto Alegre. In her autobiography, the author articulates reflections on her feminine identity, experience in professional domination and artifices of autobiographical production. To discuss the female identity in the space of domination, this study is based on three theoretical bases: (1) studies on identity, from the perspective of cultural studies, highlighting the fluidity of points of contact that the same individual touches, sometimes generating tensions and agency; (2) discussions about BDSM relationships, especially with *femdom*; and (3) considerations about the redefinition of autobiographical production. Based on Luxor's narrative, the role of the *dominatrix* as a sexual and financial emancipator can be seen, stressing the expected place, many times, for women. Through power games, feminization, humiliation, Luxor subverts normative sexuality, takes ownership and writes her own story.

Keywords: *Dominatrix*, Female Identity, Autobiography, BDSM.

INTRODUÇÃO

É atribuído ao sexo, muitas vezes, o lugar de jogos de poder visando o prazer. No campo da dominação sexual, estes jogos se tornam o mote principal da realização, não o deleite final (que nem sempre acontece). Assim como qualquer relacionamento humano, a troca e a definição de papéis cambiáveis se tornam salutares para esta prática que se faz mais um tabu em torno da sexualidade humana, especialmente feminina.

Por esta ser uma sociedade de base patriarcal e machista, é estabelecido tacitamente o lugar da mulher e do homem em uma prática sexual heterossexual, por exemplo. Comumente, espera-se que a figura feminina mantenha uma postura mais passiva e que o coito finalize com o gozo masculino. Tais estereótipos se tensionam no espaço da dominação feminina, em que a mulher, a *femdom*, se torna a peça central dos jogos de poder que realiza com seu ‘escravo’. Vale destacar que o consentimento é essencial nesta prática.

Para refletir sobre esse campo de tensão, este trabalho trouxe como *corpus* de análise a autobiografia “Eu, Dommenique”, de Dommenique Luxor (2012), por permitir um olhar sobre os agenciamentos da identidade feminina da autora diante do espaço da dominação. Assim, nesse livro, pode-se observar como há fluidez identitária da autora-protagonista a partir dos pontos de contato que surgem em sua vivência, em especial, através das relações de BDSM, enquanto *femdom*. Por fim, destaca-se como, em uma autobiografia, há a resignificação do vivido, articulando passado, presente e também futuro.

OLHARES PARA SI, VISÕES DO MUNDO: ANÁLISE DE “EU, DOMMENIQUE”

Em 2012, a autobiografia de Dommenique Luxor é publicada pela editora Leya, inaugurada em 2008, com diversos selos: Fantasy (textos de fantasia a terror), Alumnus (textos técnicos), Casa da Palavra, Quinta Essência, Leya, homônimo no Brasil, e Lua de Papel – selo que publica a autobiografia em análise. A narrativa já se inicia com um contrato que estabelece seu papel de *dominatrix* profissional, ao passo que instaura uma

ambiguidade se quem está aceitando as regras estabelecidas era algum cliente ou o próprio leitor. Vale destacar que a *dominatrix* é intitulada a mulher dominadora nas práticas *bondage*, disciplina/dominação, submissão/sadismo e masoquismo - BDSM. *Bondage* é nome dado a práticas de amarração ou restrição do movimento com fins eróticos.

“Há jogos de dominação apenas representativos, fetichistas. Nestes, um pouco de sadismo e masoquismo em geral está presente. São ordens expressas em palavras duras, castigos físicos, ameaças e terror psicológico de um lado; e objetos evocativos[...]” (SCHOMMER, 2008, p. 70). Pode-se entender, então, que a dominação só existe por haver a submissão em simulações arquetípicas. O sadismo, por sua vez, é o prazer em infligir dor, enquanto o masoquista gosta de sentir dor, ou por depois sentir o alívio ou por estar normalmente em posição social de controle e encontra no masoquismo uma prática de entrega. Logo, “o sádico exerce seu poder e sua autoridade de fato, não precisando mais do que isso para gozar. O masoquista purga sua culpa e permite desfrutar das sensações físicas sem limitações” (SCHOMMER, 2008, p. 186). Pode-se perceber nessas práticas que o objetivo maior não é o gozo final e sim a narrativa criada, os jogos de poder, jogos de prazer.

Destaca-se, já nas primeiras linhas, que o estilo de escrita do livro em análise aproxima-se com o do *best-seller* “Cinquenta tons de cinza” (JAMES, 2011), publicado um ano antes de sua autobiografia, sendo sucesso de venda. Na obra britânica ficcional, há a transcrição de e-mails, algumas expressões específicas que são retomadas no livro da brasileira. Assim, pode-se refletir sobre a performatização autoral e a influência da literatura nas produções (auto)biográficas.

O texto não segue uma ordem cronológica. Ele elenca situações vividas com clientes e um pouco de seu dia a dia. Contudo, muitas vezes, a autora descreve a passagem vivida, mas não relata como se sentiu no seu íntimo. Nesta esteira, pode-se perceber que:

o privado é mais susceptível de ser compartilhado do que o íntimo. O primeiro relaciona-se ao espaço particular, ao grupo familiar, de amigos, gostos em geral. Já o íntimo, é incomunicável. A escrita biográfica alia ambos os espaços, tentando comunicar o que não se pode dizer através do dito privado, aliado também à vida pública. Subjetivar-se na linguagem é uma violência ao íntimo, uma vez que este é silenciado. Entende-se violência aqui como uma violação do que se é para adequar-se às palavras existentes que, muitas vezes, restringem ou potencializam o sentido. (PEIXINHO, 2019, p. 38)

Uma autobiografia abarca o campo do privado, dissolvendo a barreira entre o que seria o espaço público e o que seria do privado, porém nem sempre o íntimo é revelado, mesmo que se descreva o que se viveu. Ao transpor em palavras o vivido, estabelecemos uma ordem, damos um novo sentido a ele, dessa forma, a escolha de como falar sobre o passado se faz tão relevante quando o vivido em si. No livro em análise, as situações acabam sendo mais importantes do que as pessoas que as experimentam, comprimindo reflexões mais profundas sobre si. Ademais, destaca-se que, no texto memorialístico, as situações descritas são representações da memória, das palavras escolhidas e da intenção autoral. A noção incompleta da memória é reiterada no livro: “A noite tinha sido boa, mas resolvi apagar a memória recente e ficar só nas arcaicas, aquelas em que você pode se colocar num ponto de vista puramente subjetivo e interpretar como quiser” (LUXOR, 2019, p.163). Nessa perspectiva, a memória, ao se subjetivar no tempo, se molda a novos contornos estabelecidos. Mais adiante na obra, a autora diz: “Mas a memória, essa sim, é muito vívida. Minha psique guardou os momentos mais emocionantes, e são deles que lembro” (LUXOR, 2019, p. 169). Dommenique sugere que as lembranças boas são guardadas como aconteceram, entretanto, sabe-se que há a recriação do vivido através do tempo, da linguagem e da intenção da rememoração.

Fazendo uma análise da contracapa, afirma-se, além de uma citação reiterando ser a autora-protagonista dona de si, de seus prazeres e de seu corpo; o fato de ela ter ensino superior, ser ex-funcionária pública concursada e que, por opção, tornou-se “dominadora profissional”. Há ainda o destaque de que a autobiografia “apresenta relatos verídicos de diferentes tipos de sessões de dominação e revela as ideias e inquietações de uma mulher que é, acima de tudo, senhora de si”. De fato, são vários encontros descritos, com detalhamento pormenorizado de diversas práticas sexuais realizadas, em detrimento a reflexões mais profundas do vivido.

Quanto aos clientes, figura geralmente velada quando se fala na prostituição, seja ela com dominação ou não, são escolhidos pela autora. Assim, por ter uma visão livre em relação à sua sexualidade, deixava claro os limites do programa: “Eu tinha algumas restrições, e as deixava claras: nada que envolvesse fezes, sangue e animais, E mantinha o propósito de não atender quem eu não tivesse a fim” (LUXOR, 2019, p.32). No meretrício, deve também haver o consenso de ambas as partes (cliente-prostituta) na prática para que o ato não se torne um crime.

Ainda sobre os clientes, Dommenique ressalta seu importante papel, pois sem eles, não haveria dominação profissional. “ Eu nunca estaria aqui , hoje, nessa cidade, vivendo como uma *Dominatrix*, um cotidiano de uma mulher dominadora, sem a existência e persistência de quem desejava mais que a própria vida ser dominado, usado, anulado” (LUXOR, 2019, p.49).

Entretanto, nem todos são bons clientes. Ela cita quando um homem de “bafo padre” faz uma sessão de *spanking* (castigo corporal) e asfixia, em Porto Alegre e, logo depois, ao falar sobre como sua vida estava difícil com a mãe no hospício e dinheiro da família preso por questões na Justiça, ele a agride como quem canaliza sua raiva para o seu antes objeto de prazer. O sexo e a violência se imbricam na dominação, contudo a agressão não faz parte do jogo de poder sexual, está mais para o campo do social. No meretrício, há um espaço mais susceptível de violência pelas práticas ocorrerem normalmente em ambiente privado (hotel, motel, apartamento) e por alguns clientes acharem que estão comprando não a sessão, mas a dominadora. Nessa perspectiva, a ideia de a garota de programa vender seu corpo é equivocada, pois não há uma venda (seu corpo não é do outro), mas há sim um contrato de aluguel momentâneo e com regras específicas do que se pode fazer ou não.

Apesar de se intitular dominadora profissional e falar, em poucos momentos, de valor a ser pago pela sessão, Dommenique não se intitula prostituta. Também não deixa clara razões para isso, não obstante, pode-se conjecturar que a prática da dominação se sobressai ao fato de cobrar financeiramente para a realização das sessões. Os clientes relatados, em sua maioria, entram em contato primeiramente virtual e, só após conversas e ponderações das práticas que desejam, a autora seleciona se encontraria ou não com o cliente, comumente, em seu apartamento.

No livro, há algumas práticas que envolvem encenações e até inversões, por exemplo. Um “amigo”, antes da entrada na dominação profissional, no auge de seus 18 anos, a instigou a entrar no mundo do BDSM ao solicitar que ela usasse coleira nele, como um escravo. Dessa maneira, ela descobriu que sentia prazer na dominação. A prática ia além do sexo, tem a ver com poder: “Sempre pronto para me servir oralmente e me limpar pela manhã, depois de uma noite de farra na rua” (LUXOR, 2019, p. 39). Com ele, houve também a prática da feminilização do homem: ele deveria usar roupas femininas, calcinha, e era chamado de “vadia”, “vadiazinha”. Esse foi seu primeiro contato com o mundo da dominação, não ainda como profissional. A performatização,

por sua vez, se torna imperativa para a *femdom*: por vezes, pode haver práticas de travestimento, outras pode tratar o escravo com um animal (como acontece com seu cliente Daniel, que morava em Belo Horizonte, e Dommenique travava-o como cachorro) etc. Para a autora, é muito clara a noção de encenação, tanto que ela fala de que pode escolher a personagem que será em sua própria vida. Além delas, há descrita práticas de asfixia, *spanking* (castigo físico), *caning* (castigo físico com “varetas”, que pode ser de diversos materiais) e uso de acessórios como vestir látex, usar coleiras, algemas etc.

Nos jogos de troca de poder isso [alguém se sujeitar para outro dominar] é consensual, o submisso conscientemente se expõe para ser envolvido e dominado e, principalmente, para sentir-se legitimado e oprimido, conduzido, regulado. Isso não é de todo mau. É a negação, o sombrio, o yang. Pela minha experiência, funciona muito bem com homens ansiosos e estressados. O BDSM utiliza uma linguagem, um aparato discursivo que antecede as próprias técnicas, vestimentas e regras. É claro que existe uma Dominadora também em desenvolvimento, num jogo mental constante; ela não está sentada num trono litúrgico e burocrático de Rainha de Copas (LUXOR, 2012, p. 110).

Para haver dominação, é preciso submissão, entretanto, para se chegar a este ponto, é necessário criar um jogo, no qual estes papéis se estabelecem. Dommenique considera quando há uma sessão ruim, a culpa não é da prática, mas das pessoas envolvidas. Um exemplo citado é quando o cliente fetichiza os papéis da *dominatrix* e o seu enquanto escravo, criando uma visão geral engessada de todo o encontro, dirimindo assim as possíveis trocas naturais da relação, não sendo dominado de maneira dinâmica, apenas cumprindo um roteiro criado em sua fantasia.

Na reflexão da vida, a pessoa ressignifica o passado com o olhar do presente. Pode-se perceber, na autobiografia em análise, como o caminho atravessado é errante, cambiante e pautado no crescimento pessoal: “[...]a realidade me levou a olhar para o meu cotidiano, e percebi que não estava bom. Foi algo que aprendi no dia-a-dia, na vivência de meus prazeres e desprazeres” (LUXOR, 2012, p. 92). Para ela, a epifania foi de, a despeito de querer juntar um montante na dominação profissional para realizar um projeto (não especificado qual seria), escolher clientes que lhe dessem prazer era basilar para o ofício escolhido.

Outra passagem do passado que serve de mote para justificar o presente é quando a autora compara o gosto de suas amigas e o seu: na adolescência, suas amigas eram apaixonadas por integrantes de *boy band*, como Menudo, e ela gostava do Darth Vader

em razão do uso das máscaras. Assim, ele demonstra como sempre fetichizou o uso de máscaras. Com o tempo, conheceu máscaras de gás e este item, segundo Dommenique: “é o principal artifício para me levar para outra realidade, uma chave que dá um click e me coloca em outra dimensão facilmente. Puro fetiche” (LUXOR, 2012, p. 115). A palavra *fetiche* designava, no século XV, adoração de tribos africanas a objetos e amuletos, dando-lhes poderes sobrenaturais. Esta definição permaneceu assim abrangente por alguns séculos e só mudou a partir das ponderações de Karl Marx ([1867] 1983) e Sigmund Freud ([1905] 1996). O primeiro notou que se um povo tem fetiche por determinado produto, haveria também por sua marca, sendo esta uma apropriação capitalista da tendência do ser humano agregar valor simbólico aos objetos que os circundam – cria-se assim o fetiche da marca. Para Freud ([1905] 1996), por sua vez, o fetichismo sexual seria uma fixação da libido a objetos inanimados, levando à excitação. Entende-se aqui por fetiche os desejos de ordem sexual incomuns. Muitas vezes, este não se refere ao ato em si, mas aos jogos de prazer estabelecidos através de símbolos e performances.

A autora demonstra como teve um amadurecimento sobre seus desejos nos anos que se seguiram. Após seu primeiro escravo como dominadora profissional, que conheceu em 2007 na internet, Rafael, ela cria seu primeiro contrato exigindo tudo o que “ela tinha ouvido falar”, sendo “egoísta”. Pensar apenas no seu próprio prazer, sendo mulher, é ir na contramão de diversos discursos sociais que atribuem a elas um lugar limitado de sua liberdade sexual. Por muito tempo, as meninas não poderiam beijar com lasciva seus companheiros, como no meado do século passado, pois consideraria que elas aprenderam isso em algum lugar e tal fato seria depreciativo. A sexualidade se torna regulada pela moral e pelos costumes sociais. Mesmo hoje, século XXI, muitas pessoas se chocam quando uma mulher nega o desejo de ser mãe ou quando afirmam não se relacionar só com homens. Poder escolher e perceber seu desejo é emancipador.

Na orelha do livro em análise, de um lado, há uma citação descrevendo a assinatura do contrato entre o submisso e a *dominatrix*, destacando o afã em realizar seus desejos, sendo livre. Do outro lado, além de uma imagem da autora (produzida com longos cílios postiços e boca vermelha entreaberta), descreve-se que ela nasceu em Porto Alegre, reitera seu passado acadêmico e profissional, sua mudança para São Paulo e sua participação no circuito BDSM. Ratifica a veracidade do escrito, tanto na capa do livro - que possui, em fundo vermelho, a afirmação: “A história real de uma *dominatrix*

brasileira”; quanto no verso do livro, descrevendo-o como: “um relato verídico, sem toques ficcionais, no qual a autora, em meio a suas reflexões, leva o leitor para dentro de algumas relações cenas de dominação física e psicológica, apresentando formas de relacionamento alternativas às relações baunilhas”. Há assim uma insistência em afirmar ser o livro a verdade vivida pela autora.

Em um encontro com sua amiga Marta, há um longo diálogo que pode ser entendido uma espécie de diálogo com o leitor, pois nele a autora conta sobre como se sente bem com sua escolha em ser dominadora profissional, relata que já foi dominada, mas não gostou, destaca que não sente muito prazer na penetração, aponta que esteve na faculdade de História dentre outros temas do seu campo privado.

Sobre a escolha de realizar dominação profissional, Dommenique destaca que optou por entrar num campo que simboliza a liberdade, entretanto dinheiro e prazer se movem em devir na obra. A autora reitera que não profissionaliza a dominação apenas pelo dinheiro e que prioriza o relacionamento interpessoal e o desejo, por esta razão mantém contato antecipadamente com o cliente antes de uma sessão. Em contrapartida, ao longo do texto, ressalta algumas vezes não possuir capital suficiente para o que necessitava, afirmou que “cobra caro”, mas que continuava pobre. Em nenhum momento é revelado o valor, entretanto relata quando um cliente tentou pechinchar o valor em contato virtual, sugerindo o pagamento de 300 reais, valor este que, segundo o homem, era superior ao cobrado por *dominatrix* internacionais. Ela negou a sessão com ele – Dommenique entendia que é ela quem dá seu preço, não precisa seguir um mercado. Em um determinado momento de sua vida, a autora considera ter abandonado a dominação profissional para buscar relacionamentos fixos pagos, relacionamento de *slaver* (escravo). Seria como ter clientes fixos.

Essa relação conflituosa entre dinheiro e prazer fez Dommenique se sentir mais uma engrenagem do mundo capitalista. Somado a isto, ela passou a ter crises de pânico, por essa razão passou a frequentar seu amigo-psiquiatra Paulo (que depois se tornou cliente), com o qual tem longas conversas sobre sexualidade e desejos. E, ao final do livro, no epílogo, a autora registra o que seria um e-mail para Paulo. Nele, ela faz uma importante análise de sua vivência na dominação profissional. Inicialmente pondera que, quando começou a cobrar para dominar, entendia a sessão como um trabalho que precisava ser remunerado e bem-feito, logo, por vezes, apenas realizava aquilo que o cliente queria. Assim, ressalta uma troca entre pagar caro e ter um serviço de mais alto

nível. Não obstante, essa forma de encarar a dominação profissional trouxe-lhe vazios. Por isso, optou por não apenas praticar BDSM por dinheiro, mas primeiramente por prazer, para compartilhar, e se desejar exigir dinheiro, o fará. “A gente é infinitamente pequeno, com subjetividade, perspectiva, contraditório e absurdo. Tive de admitir o incontrolável” (LUXOR, 2012, p. 189). E assim se delineia sua vida, cambiante, movediça, adequando seus pontos de identificação a cada passagem que emerge em seu cotidiano. Ser mulher não é singular; a mulher é plural; a *femdom* também tem uma multiplicidade identitária; e até uma mesma pessoa possui várias identidades que veste de acordo com o contexto que se insere. Entendendo a multiplicidade do ser, pode-se perceber que Dommenique é mais uma mulher narrando sua história, em busca de entender e viver seus desejos e de escrever sua vida em atos e em palavras.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Observar a autobiografia de Dommenique Luxor, através das lentes dos estudos de gênero e de identidade, é uma forma de dar visibilidade a narrativas de vida de uma mulher que ultrapassa os limites, mas que, ao mesmo tempo, escreve um caminho errante, complexo, em devir. Nas páginas de *Eu, Dommenique* (LUXOR, 2012), a autora escreve suas impressões sobre sua vida, destacando sua vivência no mundo da dominação desde sua entrada ainda no início da juventude até se tornar uma dominadora profissional por escolha.

A autora destaca o cliente como uma engrenagem imprescindível para que ocorram as sessões de dominação, descrevendo práticas e passagens que achou significativa. Em algumas delas, Dommenique demarca, através de descrição minuciosa, adjetivação conatante ou mesmo uso do discurso direto, o vivido sentido, pois o que se viveu de fato não se traduz em linguagem e sim a representação e impressão do momento. Ela vê na dominação profissional um espaço para ser livre sexualmente, experimentando o que lhe causa prazer. É óbvio que nem sempre as sessões ocorrem como ela imaginava/gostaria, mas cada situação a faz ressignificar sua vida.

Dessa forma, uma mulher escrever sua autobiografia contando sua vida em que seu extremamente transcendente é ser *dominatrix* tensiona o lugar, muitas vezes, programado para uma escrita memorialística. E uma fator interessante deste texto

especificadamente é o fato de a autora não se colocar em uma posição subalterna ou vitimista. Dommenique é dona, não apenas como performance na dominação. Antes de tudo, ela é dona de si e de seus desejos, pois mesmo sabendo que a vida é cambiante, ela se adequa às situações e reescreve sua própria narrativa.

CITAÇÕES E REFERÊNCIAS

FREUD, S. Fetichismo (1927). In: _____ *Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

JAMES, Erika Leonard. *Cinquenta tons de cinza*. Rio de Janeiro: Intrínseca, 2011.

LUXOR, Dommenique. *Eu, Dommenique*. Rio de Janeiro: Leya, 2012.

MARX, Karl. *O Capital* (1867). São Paulo: Abril Cultural, 1983.

PEIXINHO, Manuela. *Elas por elas: gênero, memória e identidade*. Beau Bassin: Novas Edições Acadêmicas, 2019.

SCHOMMER, Aurélio. *Dicionário de Fetiches*. Rio de Janeiro: Ediouro, 2008.